

A gramática como sintoma, o *pretuguês* como cura: o real e a fantasia na literatura afro-diaspórica

La grammaire comme symptôme, le « *pretuguês* » comme remède : réalité et fantaisie dans la littérature afro-diasporique

Lara Carvalho Cipriano
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
laracarvalhocipriano2000@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8806-4954>

Luis Flávio Silva Couto
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
luisflaviocouto@terra.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-8251-7331>

RESUMO

Um dos problemas da psicologia hegemônica é a análise individual para os problemas sociais e um dos problemas da recepção literária de grupos minorizados é a análise que se reduz à dimensão sociológica, desconsiderando o interesse estético da obra. A fim de oferecer um contraponto a esses dois problemas, este artigo objetiva enfatizar a subjetividade e a criação poética de Carolina de Jesus em detrimento das discussões sociológicas que ela suscita devido ao caráter testemunhal da sua obra, o que não exclui a importância do âmbito social para a presente pesquisa. Pensando nisso, este artigo visa somar à interpretação sociológica e descolonial a interpretação psicanalítica, para que, a partir disso, seja possível refletir sobre a obra de Carolina para além das questões sociais, mas sem individualizar a abordagem. O conceito de *pretuguês* de Lélia Gonzalez é um ponto de partida para a reflexão proposta aqui.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; literatura afro-brasileira; psicanálise.

RÉSUMÉ

L'un des problèmes de la psychologie hégémonique est l'analyse individuelle des problèmes sociaux et l'un des problèmes de la réception littéraire des groupes minoritaires est l'analyse réduite à la dimension sociologique, négligeant l'intérêt esthétique de l'œuvre. Afin d'offrir un contrepoint à ces deux problèmes, cet article vise à mettre l'accent sur la subjectivité et la création poétique de Carolina de Jesus au détriment des discussions sociologiques qu'elle soulève en raison du caractère testimonial de son

œuvre, ce qui n'exclut pas l'importance de la sphère sociale pour cette recherche. Dans cette optique, cet article vise à ajouter l'interprétation sociologique et décoloniale à l'interprétation psychanalytique, afin de pouvoir réfléchir à l'œuvre de Carolina au-delà des questions sociales, mais sans individualiser l'approche. Le concept de « pretuguês » de Lélia Gonzalez est un point de départ pour la réflexion proposée ici.

Mot-clés : Carolina de Jesus ; Littérature afro-brésilienne ; psychanalyse.

INTRODUÇÃO

Essa gente hoje em dia que tem a mania da exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma
francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português.
(Noel Rosa)

Quando *Quarto de despejo*, livro mais conhecido da Carolina Maria de Jesus, foi publicado em 1960, o livro contrastava com o momento político que o Brasil atravessava. Enquanto Carolina escrevia sobre as dificuldades de se viver na favela do Canindé, onde ela residia, o então presidente Juscelino Kubitschek sustentava a promessa de progresso e modernização a partir do seu lema “Cinquenta anos em cinco”. A figura de Carolina apareceu, em um primeiro momento, como um contraponto a essa promessa, dado que ela denunciava que a modernização para alguns acontecia às custas do “suplício” – palavra muito usada por Carolina¹ – de outros. Dito de outro modo, Carolina denunciava com a sua escrita “a pauta oculta da modernidade”, para usar a expressão de Walter Mignolo (2017).

Em 2021, tanto *Quarto de despejo* quanto *Casa de alvenaria* ganharam uma nova edição pela editora *Companhia das letras*. Assim como no primeiro momento em que a obra de Carolina veio à tona ela denunciava os contrastes da ideologia política vigente, isso também acontece neste segundo momento, em que Carolina é relançada durante o governo de um presidente associado ao fascismo e que profere discursos de ódio contra grupos minorizados, aos quais Carolina pertencia. Nesse contexto, convém mencionar que o aniversário de Carolina de Jesus (14/03) coincide com o aniversário da morte da

¹ Por exemplo: “O dia está calido. E eu gosto que ele receba os raios solares. Que suplício! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça” (Jesus, 1963, p.16).

Marielle Franco, vereadora que foi assassinada e que se tornou um ícone da oposição ao governo de então.

Diferentemente da primeira edição, feita pelo jornalista Audálio Dantas, as novas edições, feitas por Vera Eunice, filha de Carolina, e Conceição Evaristo, preservam “toda a diversidade de registros presentes nos manuscritos, considerando-os marcas autorais imprescindíveis para a adequada recepção de sua obra” (Evaristo; Eunice, 2021, p.7). Ou seja, as grafias destoantes dos dicionários e gramáticas foram mantidas. Isso indica que “os erros ortográficos” podem ser considerados parte do estilo poético da autora. Essa discussão nos remete à separação que Vilém Flusser (2011, p.116) faz entre o fazer poético e o domínio da escrita alfabética, introduzindo a ideia de “poetas analfabetos”.

Tendo em vista que a obra de Carolina de Jesus e as discussões que ela suscita estão em voga, interessa-nos investigar as contribuições da psicanálise para tais discussões. No entanto, não pretendemos “psicanalisar” a sua literatura, fazendo uma crítica literária calcada na psicanálise. Nesse ponto, críticos literários, como Roberto Schwarz e Augusto de Campos, bem como intérpretes da literatura caroliniana, como Elzira Perpétua, foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho. Também pretende-se evitar o erro, recorrente na psicologia hegemônica, de individualizar a análise de questões que também dizem respeito à dimensão social. Tendo isso em vista, recorreremos não só à leitura de Freud e Lacan, como também à de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, a fim de obter uma visão panorâmica: psicanalítica e social.

Partindo do pressuposto de que Carolina utiliza a escrita enquanto um artifício de subjetivação, traçamos um paralelo entre a sua literatura – ou a sua *escrevivência*, para utilizar o termo de Conceição Evaristo (2017) – e a clínica psicanalítica. O registro em primeira pessoa, o caráter autobiográfico e o desvio da norma culta – que podem ser comparados aos furos de linguagem, essenciais para a escuta clínica – são elementos em comum entre a clínica e a escrita da Carolina. Um outro ponto que liga a obra de Carolina Maria de Jesus à psicanálise é o modo como ela se vale da escrita enquanto uma oportunidade de falar de si de forma transformadora (Pereira, 2018, p 149-150). “Ao escrever seu diário, a autora encontra um processo contíguo com a situação analítica, uma via de escape, que lhe é útil como suporte para vivenciar as mazelas e violências cotidianas” (Pereira, 2018, p. 149-150).

A FANTASIA E O REAL, A FICÇÃO E A NÃO FICÇÃO: ENTRE A PSICANÁLISE E A LITERATURA

Em *O poeta e o fantasiar* ([1908], 2015), Freud traça um paralelo entre o brincar infantil e o fazer poético na idade adulta. Isso se sustenta porque tanto o brincar quanto o fazer artístico envolvem a dimensão do lúdico e do fantasiar. Do mesmo modo, em ambos os casos há um deslocamento das coisas da realidade para uma nova ordem, fazendo com que tais coisas adquiram um novo significado. Nas palavras dele: “O poeta faz algo semelhante à criança que brinca; ele cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade.” (Freud [1908], 2015, s/p).

Nessa argumentação, Freud opõe a brincadeira e a arte (a fantasia) à realidade:

Talvez devêssemos dizer: *toda criança brincando se comporta como um poeta*, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, *transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem*, que lhe agrada. Seria então injusto pensar que a criança não leva a sério esse mundo; ao contrário, ela leva muito a sério suas brincadeiras, mobilizando para isso grande quantidade de afeto. O oposto da brincadeira não é a seriedade, mas a realidade (Freud [1908], 2015, s/p, grifo nosso).

Essa oposição aparece em outros textos de Freud – haja vista esta passagem do texto *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: contribuições à psicologia do amor*: “Os escritos [literários] estão submetidos à necessidade de criar prazer intelectual e estético, bem como certos efeitos emocionais. Por essa razão, eles não podem reproduzir a essência da realidade” (Freud 1996, [1910], s/p) – como também aparece na definição de fantasia do livro *Vocabulário da psicanálise*:

Os termos fantasias, fantástico não podem deixar de evocar a oposição entre imaginação e realidade (percepção). Se fizermos desta oposição uma referência principal da psicanálise, seremos levados a definir a fantasia como uma produção puramente ilusória que não resistiria a uma apreensão correta do real (Laplanche, 1988, p. 169).

Mas, por um lado, a oposição entre a realidade e a fantasia mostra-se tênue na produção literária de escritoras como Carolina de Jesus, considerando que a sua literatura veio à tona num contexto catastrófico e *remete ao real*, no sentido lacaniano, ou seja, àquilo que resiste à representação (Cf. Seligmann, 2000 *apud* Koltai, 2016, grifo nosso). A coexistência entre o real e o estético se faz notar em várias passagens de *Quarto de despejo*, dentre as quais é possível citar:

Até que enfim parou de chover. As nuvens deslisa-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E várias pessoas da favela não tem agasalhos. [...] Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. [...] *Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais* (Jesus, 1963, p. 41, grifo nosso).

O real também se faz presente na literatura de escritoras semelhantes à Carolina, como Françoise Ega:

Enquanto eu escrevia as últimas frases, Carolina, encostada na máquina de lavar (é preciso encontrar um cantinho tranquilo), meu marido [...] disse que o que eu escrevia era um fiasco [...]. Maldosamente, acrescentou: “Sua papelada é um papelão, um mamoeiro macho! Flores ao vento! Nunca dará frutos! [...] Quem vai se interessar por histórias de negros?” Mas, Carolina, vejo você escrevendo à luz de vela, sem a presença de ninguém para lhe dizer que tipo de mamoeiro você é, *me debruço então sobre uma nova página e a encho de realidade* (Ega, 2021, p. 33, grifo nosso).

Poucas feministas conhecem o livro *Cartas a uma negra*, de Françoise Ega (Vergès, 2020, p. 123). Um relato caribenho, que descreve o cotidiano de uma mulher da região, trabalhadora doméstica na França, e que expõe o viés racializado desse trabalho (Vergès, 2020, p. 123). Ega teve contato com um fragmento de *Quarto de despejo* que a motivou a escrever. A partir disso, ela redigiu um romance epistolar endereçado a Carolina de Jesus. Essas cartas nunca chegaram às mãos da sua destinatária, uma vez que esse livro só ganhou uma edição brasileira em 2021, muitos anos após a morte da Carolina – isso nos faz questionar como tal fato se relaciona com a máxima lacaniana segundo a qual a mensagem sempre chega ao seu destinatário (Cf. Lacan, 1998), o que é uma discussão para futuros textos. Apesar disso, com a escrita do seu livro, Ega responde em ato à questão proposta por Carolina: “Será que surge outras Carolinas? Vamos ver!” (Jesus, 2021, p. 170).

Por outro lado, ainda que a obra de Carolina seja, em grande parte, considerada não ficção, a fantasia, assim como o real, está presente na sua escrita, conforme se nota no seguinte fragmento: “Enquanto escrevo vou pensando que residido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol [...] *é preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela.* [...] As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.” (Jesus, 1963, p.52, grifo nosso). Essa citação vai ao encontro da afirmação de Freud segundo a qual “*toda fantasia individual é uma correção da realidade insatisfatória*” (Freud [1908], 2015, s/p, grifo nosso), uma vez que a atividade literária,

na medida em que suscita a fantasia, funciona como uma ferramenta para lidar com as mazelas da realidade, até mesmo quando se trata de não-ficção.

Não ficção, diário, literatura de testemunho, autoficção, escrita de si, são classificações atribuídas à produção literária da Carolina de Jesus. Carolina afirma que “não devemos escrever ficção, mas a verdade” (Jesus, 2021, p. 160), afirmação essa que remete à máxima lacaniana “toda verdade tem a estrutura de uma ficção” (Lacan, 2008, p. 186). Nesse sentido, Lacan vai além do pensamento freudiano, considerando que o enlace entre a fantasia e a realidade é constitutivo, o que torna inadequada a compreensão do fictício como irreal ou enganador (Cf. Kangussu, 2020). Com isso, é possível perceber que a posição lacaniana oferece mais elementos para pensarmos uma obra de não ficção, tensionando a oposição entre realidade e fantasia presente na teoria freudiana.

A partir dessas classificações, a recepção da obra de Carolina foi predominantemente antropológica, em detrimento do aspecto artístico presente na sua escrita. Em função disso, Carolina registra que escutou comentários na direção de desclassificá-la enquanto literata, conforme podemos observar no seguinte fragmento: “Você não é literata! O teu livro não é literatura. É documentário” (Jesus, 2021, p. 63). Essa posição ignora dois pontos importantes. Em primeiro lugar, o aspecto documental de toda obra de cultura, mesmo aquela que se propõe fictícia. Nesse ponto, é preciso ressaltar um aspecto da “escrita de si”, a saber: uma autobiografia é sempre inventada. Em segundo lugar, o valor poético dos diários de Carolina, que são ricos em metáforas, aliterações, assonâncias, neologismos e outras figuras de linguagem. A sua eloquência pode ser atestada em inúmeras passagens, dentre as quais, citamos apenas uma: “*A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido*” (Jesus, 1963, p. 28, grifo nosso).

De todo modo, a obra de Carolina escapa a essas classificações, considerando que ela produziu não só diários como também escreveu textos dramáticos, contos, romances e poemas. Com relação a esse último ponto, é importante citar que o título escolhido por Carolina Maria de Jesus para seu livro de poemas, *Clíris*, foi renegado na *Antologia pessoal* de 1996 (Pietrani, 2019, p. 4). Mas, em uma edição mais recente, o título escolhido pela autora é respeitado. *Clíris* é um neologismo de Carolina Maria de Jesus, ou seja, *Clíris* é uma palavra que só existe na invenção e criação da autora (Pietrani, 2019, p. 4). E, para além do universo literário, Carolina produziu um LP, no qual ela canta as

suas composições², e atuou como artista circense, caracterizando-se como uma multiartista.

Apesar disso, Audálio Dantas, editor da obra de Carolina, raramente referia-se à produção ficcional da autora (Perpétua, 2014, p. 215), o que reforça o supracitado não reconhecimento de Carolina enquanto uma literata. Isso está associado ao fato de que, por um lado, Carolina desejava ver-se projetada como “a poetisa que sabia burilar as palavras que lhe concederiam a senha de entrada no universo intelectual” (Perpétua, 2014, p. 235). Por outro lado, Audálio Dantas caminhou numa via contrária, a fim de “transformá-la na escritora dos diários sobre a miséria da favela” (Perpétua, 2014, p. 236). A insistência de Audálio para que Carolina escrevesse diários é comentada por ela “O Audálio diz que devo escrever diário, sêja feita a vontade do Audálio” (Jesus, 2021, p. 144). E, em entrevista, Audálio confirma que não considera as outras formas de escrita de Carolina tão valiosas quanto o diário, embora ela insistisse em escrever poemas, contos e romances (Perpétua, 2014, p. 336).

Logo se vê que a relação dos dois contempla esse paradoxo: ao mesmo tempo que Audálio possibilitou a publicação dos livros de Carolina, lançando-a como escritora, ele circunscrevia o que tipo de autora ela seria. Audálio incentivava Carolina a escrever diários, ao passo que a ambição poética dela estava além disso. Em função disso, é possível afirmar que o nascimento dos livros de Carolina ocorre entre dois desejos distintos (Perpétua, 2014, p. 215).

A LÍNGUA *PRETUGUESA* CONTRA A *MORTOGRAFIA*: UMA INTERPRETAÇÃO *PSICANALÍRICA*

Como objetivamos enfatizar a subjetividade da Carolina, ao invés de priorizar as discussões sociológicas que ela suscita, enfatizamos a reflexão sobre a sua criação poética, em detrimento da reflexão sobre o testemunho, que já foi demasiadamente enfatizada. Mas, isso não exclui, evidentemente, a importância do âmbito social para a presente pesquisa. Com isso, tendo em vista a crítica segundo a qual “um dos problemas fundamentais da psicologia hegemônica é o nível de análise individual para os problemas sociais” (Gonçalves, 2019, p. 57), é essencial que a psicanálise leve em consideração, além da história de vida do sujeito, a história cultural do grupo do qual ele faz parte e as

² Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo&t> Acesso em: 21/11/2022

implicações disso em seus processos subjetivos (Pereira, 2018, p. 145). Pensando nisso, visamos somar a interpretação sociológica e descolonial à interpretação psicanalítica, para que, a partir disso, seja possível refletir sobre a obra de Carolina para além das questões sociais, mas sem individualizar a nossa abordagem. Nesse contexto, consideramos que o conceito de *pretuguês*, cunhado por Lélia Gonzalez, seja um ponto de partida apropriado para a reflexão que nos propomos a fazer.

Tendo em vista a figura histórica da mucama, ou a sua versão contemporânea, a babá, Gonzalez sustenta que a maternagem e a função de mãe são exercidas no Brasil pelas mulheres pretas, já que, como é sabido, as mulheres brancas, ao sair para trabalhar, delegam as tarefas domésticas – incluindo o cuidado de seus filhos – às mulheres racializadas, que nem sempre gozam do privilégio de exercer um trabalho especializado.

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos [...]. Enquanto as mulheres negras trabalhavam como cozinheiras, babás, camareiras e domésticas de todo tipo, as mulheres brancas [...] rejeitavam unanimemente trabalhos dessa natureza (Davis, 2016, p. 98).

E, ao exercer a função materna, as mulheres pretas passaram os valores que lhes diziam respeito para as crianças brasileiras (Gonzalez, 1984, p. 235). Considerando que a função materna diz respeito à inserção da criança na ordem da linguagem e da cultura, Gonzalez afirma que a língua brasileira é o *pretuguês* (Gonzalez, 1984, p. 235). Sobre isso, convém lembrar o comentário de Gilberto Freyre (2019, p. 416-417):

É certo que as diferenças a separarem cada vez mais o português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influência africana; também da indígena; [...] Mas nenhuma influência foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. [...] São entretanto vocábulos órfãos, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros [...]. Que brasileiro [...] sente exotismo nenhum em palavras como *caçamba, canga, denço, cafuné, lubambo, mulambo, caçula, quitute, mandinga, moleque, camundongo, munganga, cafajeste, quibebe, quengo, batuque, banzo, mucambo, bangüê, bozô, mocotó, bunda, zumbi, vatapá, caruru, banze, jiló, mucama, quindim, catinga, mugunzá, malungo, birimbau, tanga, cachimbo, candomblé?* Ou acha mais jeito em dizer "mau cheiro" do que "catinga"? Ou "garoto" de preferência a "moleque"? Ou "trapo" em vez de "molambo"? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

A partir disso, Gonzalez denuncia o fato de que, tomar o idioma falado no Brasil como “português” invisibiliza os elementos não europeus que constituem a nossa língua. Desconsiderá-los é desconsiderar a heterogeneidade cultural brasileira, além de ser infrutífero em relação à reflexão acerca da produção literária, uma vez que as diversas

origens da língua brasileira são um campo fértil para a poesia e para criação artística (Flusser, 1998, p. 146). Em outras palavras, a imposição de uma língua comum, normativa, que foi uma tática da colonização, suprime a diversidade da comunicação.

O conceito de *pretuguês* é adequado não só para pensar a escrita de Carolina de Jesus como também para criticar a “correção” da sua linguagem por Audálio Dantas, o que tem como consequência um apagamento da maneira autêntica com que ela escrevia, sendo que a própria Carolina questiona a necessidade de adequar a sua linguagem à norma culta em uma passagem em que ela compreende os seus “erros” enquanto uma espécie de denúncia social e de vociferação política: “Declamei “Noivas de maio” [...]. A poesia tem êrros gramaticais. Não ha possibilidade de correção. É uma advertência social” (Jesus, 2021, p. 153, grifo nosso).

De acordo com Lélia Gonzalez, o que em alguns casos é entendido como desvio da norma ortográfica se explica pela inserção de elementos africanos na língua portuguesa falada no Brasil (Cf. Gonzalez, 1984, p. 238). Citando Lacan, Gonzalez afirma que, a partir da linguagem ensinada pela “mãe-preta”, a verdade surge da equivocação (Lacan, 1986, p. 297). Dito de outro modo, “o português transviado”, que escapa à norma culta, revela, dentre outros fatores, a importância de elementos não europeus na formação da cultura brasileira.

Na medida em que Audálio Dantas adéqua a escrita de Carolina à norma culta, ele despreza a “contribuição milionária de todos os erros”, para usar a expressão de Oswald de Andrade (2017, p. 23). “Erros” esses que podem ser lidos como ferramentas de construção literária (Evaristo; Eunice, 2021, p. 14). Ou seja, a diferença não precisa ser lida como um erro. Por isso, os livros de Carolina editados por Audálio nos fazem pensar na colocação de Florestan Fernandes (2007, p. 216) segundo a qual “se se desprendesse da tutela total do branco, é presumível que o escritor negro brasileiro estaria em condições de contribuir melhor para o enriquecimento da nossa literatura.” E, se “como falamos” corresponde a “como somos”, citando Oswald de Andrade mais uma vez, (Andrade, 2017, p. 23), apagar a linguagem de alguém, mesmo que seja a partir da proposta de fazer um trabalho editorial, é apagar a sua subjetividade.

A partir de uma leitura crítica das correções feitas por Audálio, a edição mais recente das obras de Carolina, feita pela editora *Companhia das letras*, preserva a variabilidade da escrita da Carolina, conservando acentos obsoletos e/ou expressivos, além da pontuação e das construções verbais e nominais dissonantes, tendo em vista que eles exprimem, dentre outras coisas, a sua prosódia característica (Evaristo; Eunice, 2021,

p. 14). Nesse sentido, assim como em *Grande sertão: veredas*³, as marcas da oralidade, o sotaque mineiro e o uso inusitado da pontuação, em detrimento das normas gramaticais, são elementos poéticos que caracterizam a obra literária da Carolina.

Grande sertão: veredas não se passa no recesso de uma consciência onde sua ousadia linguística poderia ser reduzida aos delírios de um espírito modorrento [...] o espaço social [...] exige a objetivação das relações por meio da língua falada. *Trata-se de um fluxo oral*. [...] A virgulação muito frequente cria uma segmentação desobrigada em face da gramática [...]. (Schwarz, 2019, p. 442-443, grifo do autor).

Isso nos remete à crítica feita por Augusto de Campos (1996) ao caráter normativo das regras gramaticais ao cunhar a expressão “mortografia”. Indo além, nos interessa criticar não só a gramática enquanto limitadora da atividade literária, mas também criticá-la pela sua relação com a colonização, uma vez que a gramática culmina com o uso da língua enquanto instrumento de dominação.

A esse respeito, Walter Mignolo se vale de aspectos históricos para explicar de que forma a escrita da gramática serviu aos interesses dos colonizadores. Mignolo cita que, quando Antonio de Nebrija escreveu o primeiro dicionário e a primeira gramática da língua espanhola, ele associava claramente a gramática à colonização (Mignolo, 2003, p.334). Ele também menciona que escrever gramáticas de línguas indígenas fez parte de um importante conjunto de ações e estratégias que os colonizadores espanhóis empregaram. Ao fazer isso, eles não só (re)organizaram e (re)arranjaram as línguas das comunidades nativas, como também apropriaram-se dela (Mignolo, 1992, p. 304-305).⁴ Ou seja, a origem das gramáticas escritas têm a ver com demarcação de fronteiras e com a criação de línguas subalternas. Facilitando o paralelo com a psicanálise, Mignolo faz uma articulação dessa discussão com o desejo, ao afirmar que “o uso da língua como instrumento de dominação a constrói como objeto de desejo, já que a educação e a literalidade nas colônias baseiam-se no modelo e na história do império” (Mignolo, 2003,

³ Sobre o paralelo entre Carolina Maria de Jesus e Guimarães Rosa, convém citar que, de acordo com um levantamento feito pela Folha de São Paulo (2022) que considerou as indicações de 169 intelectuais da língua portuguesa para eleger os duzentos livros mais importantes da literatura brasileira, *Quarto de despejo* ficou em primeiro lugar, ou seja, foi a obra que recebeu mais indicações, e *Grande sertão veredas* ficou em seguida, ocupando o segundo lugar. Portanto, de acordo com os especialistas, as obras de Carolina de Jesus e Guimarães Rosa são as mais fundamentais para quem deseja conhecer a literatura brasileira.

⁴ No original: “Writing grammars was one important set of actions and strategies which the Spaniards employed to (re)organize and (re)arrange the languages of native communities” (Mignolo, 1992, p. 304); “writing grammars of primordially spoken languages in colonizing those languages to secure the classical tradition is that they are not only re-arranged but also possessed and assimilated” (Mignolo, 1992, p. 305).

p. 338). Para Mignolo, *o amor pode ser entendido como uma restauração da impureza da linguagem* (Mignolo, 2003, p.362, *grifo nosso*).

CONCLUSÃO

Partindo de vieses diferentes, Walter Mignolo, bem como Lélia Gonzalez, Lacan e Oswald de Andrade, sinalizam uma potencialidade no equívoco. Desse modo, os “erros”, sejam desvios gramaticais ou os furos de linguagem, como lapsos, atos falhos, etc., são caros não só à escuta psicanalítica como também à literatura. Apesar disso, o valor literário desses “erros” tem sido considerado pelo mercado editorial apenas recentemente, ao passo que a psicanálise, desde Lacan, já considera a importância dos furos de linguagem na prática clínica.

Tendo isso em vista, por um lado, é preciso sublinhar a trajetória admirável de Audálio Dantas. Lembrando que ele teve uma carreira sindical durante a ditadura militar, lutando a favor da democratização, além de ter escrito dois livros importantes nesse sentido, um sobre o Lula, intitulado *O menino Lula* e outro sobre o Vladimir Herzog intitulado *As duas guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil*, sendo que esse segundo foi vencedor do prêmio Jabuti em 2013. Sem falar da sua importância para a história de vida de Carolina de Jesus. Ele foi o agente transformador da vida de Carolina (Perpétua, 2014, p. 213) na medida em que ele viabilizou a publicação da obra literária dela, retirando-a da situação de miséria em que ela se encontrava. Por outro lado, apesar dessas qualidades de Audálio, a atualização das edições feitas por ele potencializaram as reflexões que a obra da Carolina gera.

É possível pensar que a compatibilidade entre quem fez esse segundo trabalho de edição e Carolina é um fator determinante para essa potencialização. Na sua obra literária, Conceição Evaristo também traz provocações importantes sobre a percepção da diferença, no sentido de não a conceber como um erro. Isso também aparece na obra literária dela, por exemplo, no título do conto *A gente combinamos de não morrer*, que compõe o seu livro *Olhos d'água* (2016). O trabalho de editoração de Conceição Evaristo e de Vera Eunice nos parece precisamente uma “restauração da impureza da linguagem”, que coincide com a definição de amor dada por Walter Mignolo. Por fim, é importante dizer que a obra de Carolina Maria de Jesus não se esgota a partir das dicotomias, erro/acerto, “pretuguês”/“mortografia”, real/fantasia, não-ficção/ficção que nós

utilizamos para interpretá-la. A sua literatura pode ser interpretada de várias formas, permitindo aproximações com diversas áreas, dentre as quais a psicanálise.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2017.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. São Paulo: Todavia, 2021.

EVARISTO, Conceição; EUNICE, Vera. Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus. In: DE JESUS, Carolina Maria. *Casa de Alvenaria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. v. Volume 2: Santana.

EVARISTO, Conceição. *Ocupação Conceição Evaristo*. São Paulo: Itá Cultural, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas Editora, 2016.

FERNANDES, Florestan. Capítulo VIII: Poesia e sublimação das frustrações raciais. In: *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global editora, 2007.

FLUSSER, Vilém. *A escrita*. São Paulo: Anneblume, 2011.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro: Em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). In: *Arte, Literatura e os artistas*. Tradução Ernani Chaves. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, edição não paginada.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: contribuições à psicologia do amor (1910). In: *Cinco lições de psicanálise; Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, edição não paginada.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

FOLHA, Grupo. 200 anos, 200 livros. [S. l.], 4 maio 2022. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/05/04/200-livros-importantes-para-entender-o-brasil/>. Acesso em: 6 maio 2022.

LACAN, Jacques. *O seminário I: os escritos técnicos de Freud 1953-1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário sobre "A carta roubada"*. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1956/1998.

LACAN, Jacques. *O seminário 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MIGNOLO, Walter D. COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE* * Introdução de *The darker side of western modernity: global futures, decolonial options* (Mignolo, 2011), traduzido por Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2017, v. 32, n. 94 [Acessado 18 Março 2022], e329402. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329402/2017>>. Epub 22 Jun 2017. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.]

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. *Nebrija in the New World: The question of the letter, the colonization of Amerindian languages, and the discontinuity of the classical tradition*. *L'homme*, p. 185-207, 1992.

GONÇALVES, Mariana Alves. *Psicologia Favelada: Ensaio sobre a construção de uma perspectiva popular em Psicologia*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Anpocs. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

JESUS, Carolina de. *Casa de Alvenaria: volume 1: Osasco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.

KANGUSSU, Imaculada. *A fantasia e as fantasias: um conceito e suas figuras*. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2020.

KOLTAI Caterina. *Entre psicanálise e história: o testemunho*. *Psicologia USP* [online]. 2016, v. 27, n. 1 [Acessado 15 Março 2022], pp. 24-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>>. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>.

PEREIRA, Walef. *Relatar a si mesmo através da psicanálise: uma posição da proposta analítica de recusa às maquinarias de repressão racial*. In: BELO, Fábio. *Psicanálise e racismo: Interpretações a partir de Quarto de Despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018, p. 143 -151.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

PIETRANI, Anélia Montechiari, Carolina Maria de Jesus – Clíris: poemas recolhidos. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]. 2021, n. 62 [Acessado 23 Outubro 2022], e6217. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-40186217>>. Epub 26 Abr 2021. ISSN 2316-4018. <https://doi.org/10.1590/2316-40186217>.

“POESIA é risco”, Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira | 11th Festival, 1996. SESC Pompéia (São Paulo): 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BpYPziAf9Os>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ROSA, Noel. Não tem tradução, 1933. Noel Pela Primeira Vez (Volume 4 CD 7 Faixa 10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DH1nbj220Pw> Acesso em: 19/01/25.

SCHWARZ, Roberto. Grande Sertão: a fala. In: ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas -- "O diabo na rua, no meio do redemoinho..."*. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*, São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 22/01/2025

Aceito em: 30/04/2025

Lara Carvalho Cipriano: doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) onde também obteve título de bacharel e mestre em Filosofia. A sua dissertação, assim como sua tese, é vinculada à linha de Estética e Filosofia da Arte. Lara também se graduou em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) com ênfase em psicologia clínica a partir da abordagem psicanalítica e mantém consultório privado de psicanálise.

Luis Flávio Silva Couto: possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e pós-doutorado em Psicanálise pela Université Paris 8 (1997-98). Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais de 1975 a 2002.